

ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL

SILVA, Eduarda Borges da¹; GILL, Lorena Almeida²

¹Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura Plena em História; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História. eduarda.historia.ufpel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a proposta de organização do acervo audiovisual do Laboratório de História Oral (LHO)¹, do Núcleo de Documentação Histórica (NDH), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A fundamentação teórica do mesmo tem por fonte o próprio acervo e como referências bibliográficas autores da área arquivística, com ênfase em documentos de caráter permanente e pesquisadores que desenvolvem a metodologia de História Oral, sem abandonar o tratamento do material produzido.

A organização encontra-se na fase de elaboração, devido à necessidade de se adaptar as normas arquivísticas às especificidades desse “banco de memórias”. A procura por seus documentos é frequente pelos alunos da graduação e pós-graduação, por isso há a pretensão de divulgá-los amplamente, para que não somente a academia possa se apropriar deles, como também a comunidade em geral.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Muitas são as especificidades desse acervo, tanto na diversidade de suportes quanto de conteúdo dos documentos. Quanto aos suportes existem fitas cassete, CDs, papel (entrevistas impressas) e entrevistas em que o áudio e a transcrição estão somente no computador, devido à dificuldade de mixar as fitas cassete e imprimir um número crescente de documentos. Em relação ao conteúdo dos documentos, a especificidade se justifica por serem narrativas de História Oral de Vida e de História Oral Temática.

Bellotto (2006, p. 139) afirma que: “O arranjo é uma operação ao mesmo tempo intelectual e material: deve-se organizar os documentos uns em relação aos outros; [...] dar número de identificação aos documentos; colocá-los em pastas, [...] ordená-los nas estantes.”

Além disso, organizar essas entrevistas requer conhecimento sobre as normas brasileiras da arquivística para adaptá-las aos seus suportes e conteúdos, ou seja, além da diversidade de suportes que fazem com que este acervo de narrativas possua o caráter audiovisual, ele também reúne “memórias” de imigrantes, da História de Pelotas, da História da UFPel, de trabalhadores que vêm seus ofícios desaparecendo devido às necessidades atuais do mercado de trabalho, entre outras narrativas que estão sendo estudadas para o planejamento desta organização.

¹ Laboratório de História Oral. Rua Alberto Rosa, nº 154, Sala 143, Centro, Pelotas – RS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões deste trabalho encontram-se na elaboração da proposta de organização. A dificuldade em fazê-la justifica-se pelas especificidades do acervo já expostas aqui e as divergências frequentes entre historiadores e alguns arquivistas quanto à valoração dos documentos e a necessidade de guarda dos mesmos. O acervo do LHO vale-se das normas arquivísticas para proporcionar aos seus usuários um acesso ágil, porém isenta-se do desnecessário debate de valoração documental, tendo em vista que produz materiais de caráter histórico e permanente, para serem arquivados e disponibilizados ao público. A metodologia de História Oral considera todas as narrativas singulares, se opondo a hierarquizar seus narradores e a descartar alguma entrevista.

Conforme Portelli (1997, p. 17): “O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética [...] na História Oral. [...] Cada entrevista é importante por ser diferente de todas as outras.”

Pretende-se fazer o arranjo tendo por modelo a norma arquivística: fundo, seção, sub-seção, documento, não havendo a necessidade, por enquanto, de se utilizar neste acervo as séries e as sub-séries. É bom lembrar que esta proposta de organização é flexível devido à continuidade de feitura das entrevistas e a possibilidade de novos projetos que chegam ao LHO para serem inseridos neste banco de narrativas.

Arquivo do Laboratório de História Oral do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas, em siglas, ALHO do NDH da UFPel, será o nome do banco de narrativas. Os fundos serão coerentes com a metodologia da História Oral e por isso, estarão divididos nas duas vertentes da mesma, História Oral de Vida (HOV) e História Oral Temática (HOT). As seções serão os projetos, no fundo História Oral de Vida estará o Projeto “Memórias de uma cidade: Pelotas através da voz de seus moradores”, no fundo História Oral Temática estarão os projetos: “Os judeus em Pelotas, RS: da perseguição ao estabelecimento 1870-1950”; “Clubes carnavalescos Negros Pelotenses”; “Histórias de uma doença e de seus enfermos: a tuberculose na cidade de Pelotas (RS) 1930-1960”; “Formação da UFPel” e “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, por exemplo.

As sub-seções estarão divididas entre os narradores, sendo que os documentos de cada entrevistado comporão um dossiê em diversos suportes. Exemplificando: na sub-série do Sr. MATOS, Dário de Almeida – que é um dos narradores do projeto e /ou seção “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” que pertencerá ao fundo História Oral Temática – o nome dele será também o nome da sub-seção e da pasta. Este será contido por sua entrevista no suporte papel (impressa), o número da sua entrevista no suporte fita, CD ou DVD, o número da fotografia e o número da sua entrevista transcrita que estão no suporte informatizado.

O arranjo dos documentos tem por objetivo, em todos os momentos, privilegiar o sujeito, por isso, se optou em fazê-lo em ordem alfabética, ou seja, pelo último sobrenome do entrevistado. Na mesma lógica se fará a busca no “banco de memórias” informatizado, que se pretende criar e disponibilizar junto ao *site* do NDH², quando for possível inserir as entrevistas escaneadas no mesmo endereço eletrônico.

² Site do NDH. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/>> Acesso em: 16 de agosto de 2011.

.Ademais, as fitas cassete e CDs serão arquivadas em armários de madeira para evitar a desmagnetização que os armários de aço podem provocar nas mesmas e ficarão na vertical e no interior de caixas-arquivo, que serão numeradas de acordo com o número da primeira e da última fita e/ou CD, para evitar arranhões nos últimos ou quedas de ambos. As pastas dos documentos impressos serão armazenadas em armários de aço, visto que, na madeira é maior a ocorrência de proliferação de insetos nocivos ao papel.

4 CONCLUSÃO

Pelas razões já expostas, planejar uma proposta de organização para um acervo audiovisual e colocá-la em prática exige tempo, além de muito esforço por parte da equipe do LHO, por isso os resultados mais significativos ainda estão por vir, tendo em vista que o objetivo de organizar um “arquivo de memórias” para o LHO se justifica pela necessidade de uma busca ágil aos documentos, a conservação e a socialização dos mesmos, em respeito aos sujeitos que cederam e cedem suas narrativas, aos pesquisadores e a comunidade como um todo, que tem o direito de conhecer a história do tempo presente, através de suas fontes e mantê-las resguardadas para o uso das futuras gerações.

5 REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. Documento de arquivo e sociedade. In: **Ciência e Letras**, Porto Alegre, n 31. p. 167 - 175, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2º ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, nº 15. São Paulo, PUC, 1997. p. 13 - 33.
- THOMPSON, Paul. Armazenamento e catalogação. **A voz do passado: história oral**, 3º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 279 - 298.